

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Conceito do Povo*

Class.: *Tapaiúna 26*

Data: *30.07.69*

Pg.: _____



Apesar da amarga experiência com os brancos, os «beijos-de-pau» receberam o nome branco. Sua agressividade tem justificativa — não desejam ser usurpados em suas terras.

A Vaidade Dos Tapaiúna

Após um mês de contatos mais ou menos amistosos com os índios «beijos-de-pau», João Américo Peret, sertanista da Fundação Nacional de Assistência ao Índio (FUNAI), conseguiu finalmente visitar uma das 11 aldeias da tribo. Essa taba dista apenas 15 quilômetros do local de acampamento da expedição pacificadora da FUNAI, porém, entranhada na selva.

Designado pela Fundação Nacional de Assistência ao Índio, João Américo Peret seguiu para Cuiabá, capital do Mato Grosso, onde organizou a expedição à frente da qual tentara travar contatos com os beijos-de-pau. Dela participaram o etnólogo e missionário alemão, Fritz Dokstorf, como primeiro auxiliar, um operador de rádio, um enfermeiro, cinco mateiros, seis jornalistas brasileiros e um francês, além do sertanista-chefe.

A expedição cobriu cerca de 660 quilômetros de Cuiabá às margens do rio Arinos, utilizando todos os meios disponíveis para penetração. Aqui e acolá deixavam o barco a motor, os cavalos e as canoas e empreendiam grandes caminhadas pela selva. Na bagagem levavam os tradicionais presentes: espelhinhos, apitos e bonecos — coisas de que os índios tanto gostam — além de ferramenta agrícola e doses de vacinas contra tuberculose, sarampo e coqueluche.

DIAS DE CURIOSIDADE

Peret montou o «acampamento base» na antiga e já quase abandonada fazenda A. B. C., nas proximidades dos rios Tomé de França e Miguel de Castro. Essa é a região onde os beijos-de-pau costumam vagar, caçar e pescar em certas épocas do ano, para espanto de caçadores e garimpeiros.

Nas quatro barrancas do acampamento, os componentes da «operação beijos-de-pau» esperaram cautelosamente, durante dias e noites, o aparecimento dos primeiros índios. Finalmente três deles surgiram, desconfiados. Receberam alguns presentes e logo desapareceram floresta a dentro.

Contatos dessa natureza começaram a se verificar quase diariamente. Rápidos, furtivos. «Dias depois», contam os repórteres, «curiosidade a nosso respeito não teve mais limites». Examinavam a todos como se fossem animais estranhos num zoológico. «Sua atenção», explicam os rapazes, se concentrava principalmente em nosso corpo, pois estranhavam muito a existência de pelos, coisa que eles não têm». E acrescentam: Como estamos vestidos, não sabem distinguir se somos homens ou mulheres.

TAPAIÚNA AO NATURAL

Em um milhão e duzentos mil hectares de terra, vivem, hoje, dez centenas de beijos-de-pau ou «tapaiúna». Dos seus hábitos exóticos, além da antropofagia — vez por outra recorre à carne humana como alimento — o que mais impressiona, à primeira vista, é o uso de aderços nos lábios (os homens) e nas orelhas (as mulheres).

Isolados totalmente em sua área, esses indígenas falam uma língua, ainda não catalogada nos grupos linguísticos dos índios brasileiros. Os sons essencialmente guturais no falar desses índios demonstram claramente que eles usam a linguagem falada há relativamente pouco tempo. Sua cultura, de um modo geral, é apenas um pouco mais avançada do que aquela que os cientistas atribuem ter existido na fase neolítica ou da pedra polida. Em nenhuma de suas armas — arco, flecha, machado (de pedra) — bem como instrumentos agrícolas, usam qualquer metal.

Altos, de pele cor de bronze, olhos e cabelos (lhos) muito pretos e luzídios, os beijos-de-pau, mesmo com o enorme disco de madeira enfiado no lábio inferior (um be-

ijo adorno para eles), são de uma beleza comparável à de certo tipos morenos entre os civilizados.

Subsistem pela caça, pesca e plantio da mandioca. Em busca de alimentação, às vezes, percorrem grandes distâncias. Chegam mesmo a se afastarem centenas de quilômetros de suas aldeias. Mulheres e crianças participam, juntamente com os homens, das caçadas e pescarias tudo feito com arco e flecha. E para que as crianças de colo não atrapalhem as mães, estas as colocam às costas presas por uma faixa de esteira.

SE NECESSÁRIO FOR

Seringueiros, caçadores e outras pessoas que de algum modo se aproximam ocasionalmente do território dos beijos-de-pau afirmam com aparente convicção que esses índios comem a carne de qualquer animal e que, não seriam avessos ao canibalismo.

A esse respeito contam os repórteres da expedição que um casal de índios se aproximou de um deles e, «depois de apalpar-lhe o estômago, indicou por gestos muito claros que aquilo deveria ser boa comida».

Mas o indianista Dokstorf tem opinião diferente.

«É difícil acreditar», comenta ele, «que esses índios saiam propositadamente à procura de homens brancos para comer-lhes a carne». Mas admite que, «quando com muita fome e sem outro alimento, se encontram alguém morto na floresta ou um inimigo eventual ou suposto», o beijo-de-pau se aventure a um repasto de carne humana.

REMIEDIAR OS MALES

Nem sempre os beijos-de-pau foram hostis. A sua agressividade em contato com o branco resulta de uma série de incidentes verificados há alguns anos, sobretudo, por abusos de seringueiros e aventureiros ambiciosos.

Há cerca de 15 anos, por exemplo, campanhas do fazendeiro Benedito Bruno, ex-prefeito do Município mato-grossense de Diamantina, deram aos beijos-de-pau açúcar misturado com arsênico. Morreram muitos índios-homens, mulheres e, sobretudo, crianças. Os beijos-de-pau sobreviventes passaram a nutrir uma desconfiança acentuada e natural em relação aos civilizados. Mas depois de tanto tempo, esse sentimento parece estar desaparecendo.

Segundo Peret, o verdadeiro objetivo de sua expedição não é o de «pacificar» os beijos-de-pau, já que eles nunca estiveram em guerra. O que acontece é que os índios habitam extensa área que tem sido alvo da ambição dos civilizados. Os incentivos fiscais concedidos aos proprietários de terras na região da «Amazônia Legal» deram origem a uma especulação desenfreada com o território da tribo. O Ministério do Interior foi obrigado a expropriar os 1.200 mil hectares e declarou-os reserva da União. Agora, a FUNAI verifica o número exato de beijos-de-pau e calcula a área de que eles necessitam para viver.

VIERAM, VIRAM

E QUEREM VOLTAR

Enquanto o Governo decide a sorte dos Tapaiúna, os dois jovens índios, Tariri e Kairá, fartos da curiosidade popular nas ruas do Rio de Janeiro e saudosos de sua selva e de sua gente, já querem voltar.

Já passaram muito; fizeram compras nas feiras (raiz de mandioca, principalmente), participaram de programas de televisão e tiveram audiência especial com o Ministro do Interior. O mar, entretanto, foi uma das coisas que mais os entusiasmou. Nunca tinham visto «água tão grande». — (Copyright AJB).